

A Rebelião Romântica

Qualquer galeria de arte que se visite hoje ainda guarda os traços de uma luta épica que se travou no mundo das artes há cerca de 200 anos: foi a rebelião dos artistas românticos contra a tradição clássica na pintura. A divisão entre essas forças criativas conflitantes iria influenciar a pintura por várias gerações. Kenneth Clark, o conceituado crítico britânico e historiador de arte, descreve aqui essa rebelião e fornece elementos que nos ajudarão a compreender melhor uma fase decisiva da história da pintura.

KENNETH CLARK

CERTA vez, alguém perguntou a Goethe, no fim de sua vida, qual a diferença entre classicismo e romantismo. A resposta foi a mais curta de todos os tempos: «O classicismo é sadio, o romantismo é doente.»

Seja qual for a diferença, a ascensão de um estilo romântico consciente e a sua longa luta contra o classicismo ortodoxo foi um dos episódios mais dramáticos da história da arte. Na pintura européia dos séculos XVI e

XVII, essas duas formas coexistiram pacificamente. Em meados do século XVIII, no entanto, surgiu uma divisão entre a arte clássica e a romântica, muito mais profunda do que qualquer outra que a precedera.

Em 1755, Johann Winckelmann, o primeiro homem a se ocupar seriamente da história da arte, determinou a posição dos classicistas: «A arte deveria ter por objetivo uma nobre simplicidade e uma tranqüila grandeza.» Um dos mais conceituados classicistas foi Jacques-Louis David (1748-1825), mas seu classicismo era alimentado por um contato com a natureza e uma apaixonada preocupação pelo homem e pela sociedade. A princípio, ele se limitava a pintar nos vários estilos então em moda em Paris, onde nascera, mas, em 1775, após

KENNETH CLARK, antigo diretor da National Gallery, de Londres, escreveu muitos livros e ensaios famosos, inclusive: *Civilization*, *The Gothic Revival*, *The Nude: A Study in Ideal Form*, *Rembrandt and the Italian Renaissance*. Desde 1969, usa o título de Lord Clark Saltwood.

CONDENSADO DE "THE ROMANTIC REBELLION: ROMANTIC VERSUS CLASSIC ART", COPYRIGHT © 1973 DE PROGRAMME INVESTMENTS

DAVID – Os Lictores Levam a Brutus os Cadáveres de Seus Dois Filhos

Esta obra classicista de David, pintada em 1789, representa um daqueles incidentes da história romana que não abonam muito em favor de uma época humanitária, mas que, durante a Revolução



Francesa, pareciam ser o ápice da virtude patriótica: Brutus havia condenado à morte seus dois filhos, por traição. «O sucesso do quadro, como obra de propaganda, foi imediato», diz Lord Clark. «As figuras foram todas copiadas dos modelos antigos – Brutus, por exemplo, foi tirado de sua estátua no Capitólio, mas a idéia de deixá-lo na sombra me parece, sem dúvida, altamente imaginativa.»

MUSÉES NATIONAUX, MUSEU DO LOUVRE, PARIS

DELACROIX – A Liberdade Guiando o Povo

Delacroix conquistou finalmente o reconhecimento oficial ao pintar este quadro romântico e político, depois da revolução de 1830. Quase



todas as suas grandes obras envolvem derramamento de sangue. «Parece uma aceitável ilustração da Marselhesa», diz Lord Clark. «A Liberdade foi seguida por várias outras cenas de batalha e de comoção civil, retratadas com sentimentos vagamente revolucionários.»

MUSÉES NATIONAUX, MUSÉU DU LOUVRE, PARIS

TURNER — Enterro no Mar

«Vários quadros de Turner», diz Lord Clark, «dependem inteiramente dos efeitos de luz e cor, e não tratam de nenhum assunto imediatamente identificável — nada que nos distraia



da sensação pura. São incrivelmente modernos. Em muitos outros aspectos, Turner era um arqu-romântico, recriando o espírito dos grandes poetas românticos, como Wordsworth, Byron e Shelley.» Esta obra foi pintada por Turner em homenagem a um amigo que morreu no mar.

TATE GALLERY, LONDRES

várias competições heróicas, recebeu o diploma da Academia de Paris e foi mandado a Roma. Quando chegou a Villa Medici, as escavações de Pompéia e Herculano ainda não tinham 20 anos. David entusiasmou-se com a história de Roma, encheu cadernos e mais cadernos com esboços das antigas esculturas e retornou a Paris, em 1870, disposto a reviver na pintura as virtudes dos antigos.

Os românticos, por outro lado, afirmavam que a arte deveria excitar as emoções. Costuma-se dizer que, a princípio, o movimento romântico só exprimiu a emoção do medo; isto foi sugerido no primeiro tratado filosófico sobre o assunto — a *Investigação Sobre as Origens do Sublime*, de Edmund Burke. Este livro (tão inteligente como cansativo) é baseado na proposição de que «qualquer obra que procure excitar as idéias de dor e perigo, isto é, de algo que seja em si absolutamente terrível, é uma fonte do sublime». Daí, Burke deduz «o sublime efeito das trevas, do poder de destruição, da solidão e do silêncio, e do rugir dos animais».

A medida que se desenvolvia, o romantismo propunha uma nova escala de valores humanos. Tornou-se uma rebelião contra o conformismo estático do século XVIII; na arte, converteu-se numa rebelião contra as formas inspiradas na escultura greco-romana e contra as proibições à cor e ao movimento.

O movimento romântico também descobriu (ou redescobriu) a importância da cor na pintura. As referências à cor nos tratados acadêmicos

(clássicos) do século XVIII são quase inacreditáveis. O assunto era tratado como se fosse impróprio, quase imoral. É fácil entender por quê: a cor se dirige aos sentidos, e não à razão ou ao senso de dever. No entanto, o impacto da pintura moderna é quase inteiramente devido à cor.

Eugène Delacroix (1798-1863) e J. M. W. Turner (1775-1851) tornaram-se os principais mestres da pintura romântica. Ambos se opunham diretamente à escola da arte discreta, contida, «enrustida». Superficialmente, dois homens nunca poderiam ter sido tão diferentes. Delacroix era um aristocrata francês, homem de profunda cultura, grande escritor. Turner era um plebeu inglês, mal educado e quase analfabeto. Delacroix era neurastênico, eternamente preocupado com sua saúde. Turner, até perder os dentes, tinha uma saúde de ferro. Delacroix vivia entre os principais intelectuais de seu tempo. Turner preferia a companhia dos marinheiros de Limehouse e vivia anonimamente em pensões baratas. Delacroix e Turner, no entanto, se identificavam em dois pontos: um apaixonado desejo de se expressarem através da cor e de um profundo pessimismo.

O que nós chamamos de romantismo era, inevitavelmente, o impulso vital do século XIX. Ele captou e manteve o espírito da Revolução Francesa, que foi, em si, uma grande expressão de mudança e emoção. Após 1815, o classicismo (menos em arquitetura) tornou-se uma arte para especialistas, exceto quando era salvo pelo seu velho aliado, o realismo. ▲